

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE LETRAS NA REVISÃO DE MANCHETES JORNALÍSTICAS

SANTOS, Raquel Carla dos
OTAVIANO, Elisangela Vanice
Curso de Bacharelado em Letras
Centro Universitário Internacional Uninter

CORBANI, Clair.
Professora Orientadora.

RESUMO

A pesquisa acerca da importância do profissional de Letras foi realizada através de estudos bibliográficos, priorizando o âmbito da revisão textual no contexto jornalístico. A primazia de manchetes bem estruturadas dependem da síntese do profissional de letras, pois, sem o ofício deste profissional, torna-se predominante dificuldades na transferência da informação que não cumpre seu papel comunicacional. Os objetivos em questão evidenciam a importância do revisor textual e sua formação na construção e avaliação de produções escritas claras e objetivas, compreendendo a análise textual das manchetes. Nesse sentido, neste trabalho de conclusão de curso, observar-se-á uma contextualização do profissional de revisão, análise funcional da manchete, visão acerca do texto e sua construção textual, interpretação da escolha de registro, bem como uma pontuação no tocante aos aspectos gramaticais e, por fim, uma síntese. Destarte, reafirma-se o labor da revisão textual de enunciados jornalísticos, tendo em mente a exata variedade linguística, como indissociável do letrólogo.

Palavras-chave: Revisão. Manchetes. Formação. Letras.

1 INTRODUÇÃO

É incontrovertível que o profissional de letras no ofício de revisor textual possui imprescindível papel na sociedade, já que corrobora os aspectos comunicacionais e da informação. Contribui, nesse sentido, para a lisura dos fatos que conduzem a atualidade aos indivíduos. A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) esclarece que a descrição sumária da função se assenta no trato, interpretação e organização de informações e notícias a serem difundidas, lançando luz aos acontecimentos. Nesse trabalho dar-se-á especial atenção as manchetes jornalísticas revisadas pelo letrólogo e como esta atividade reverbera a importância do profissional de letras.

Mediante fatores históricos, os revisores textuais, também chamados de impressores, auxiliavam os autores em suas obras possibilitando as condições propícias para a consumação da ortografia. Na obra História da Revisão, o escritor francês André Thérive evidencia que,

Desde o século XV os impressores [revisores] eram forçosamente a um tempo artesãos e eruditos, como sucessores, de resto, dos empresários da cópia manuscrita, os quais foram, fatalmente também, latinistas, graduados universitários, clérigos. O mais antigo nome conhecido dessa corporação é o de P. Prielis, de Mogúncia, que corrigiu o Psalterius benedictinus de 1459, impresso por Fust e Schoeffer, concorrentes de Guttenberg; e numerosos dignitários eclesiásticos figuram nos anais da correção [revisão] nos tempos dos incunábulos. (...) Encontraram-se, nos acervos das grandes bibliotecas, manuscritos que tinham sido preparados para a composição, na Alemanha, na Inglaterra, na França. Nada mais comovedor do que manusear esses documentos de uma profissão venerável, em que a intelectualidade e a técnica se unem mais visivelmente do que alhures.

O revisor, em seu ofício, portanto, atenta-se a questões ortográficas e gramaticais, não obstante, é preciso contemplar um dos aspectos fundamentais de um texto: o seu gênero. Assim, o revisor lançará mão de mais profundidade no momento da análise textual, já que dispõe de conhecimento mais aprofundado do texto com que trabalha.

Segundo MARCUSCHI, (2008, p. 155):

textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões socio comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Outrossim, vislumbra-se competências e atribuições dos revisores, as quais caminham no sentido da revisão de originais aprovados para edição, incluindo-se textos acadêmicos e publicitários, assim como revisão de traduções, revisão de textos a serem publicados na internet e, por fim, procedência da revisão em conformidade com exigências estabelecidas. Destaca-se, também, o atrativo da condição à leitura, ser agradável observando as amenidades e, ainda assim, contemplar a norma culta, a reforma ortográfica e o preconceito linguístico

Recorrendo a Aristides (2008, p. 52)

Parece-nos que é apreciável que o revisor deve conhecer as várias correntes, posicionar-se bem dentro de um contexto, tendo em mente a exata variedade linguística com que lida em um determinado trabalho de revisão textual.

Assim, o revisor desempenha papel mediador, atento e exigente aos parâmetros. Para tanto, focando na leitura minuciosa, como instrumento de seu trabalho, para que possa utilizar-se da gramática, dos manuais e do dicionário. Entende-se que, na revisão, é delegada a aprimoração do texto ao agente da correção.

2 A MACHETE

Em primeiro lugar, observar-se-á a definição de manchete, a fim de que seja possível compreender a importância e função da manchete. De igual modo, lançar luz acerca do presente objeto de estudo.

O Manual de Redação e Estilo do O Globo (2005, p.58, apud GUIRALDELLI E PEREIRA DE SÁ, 2014, p.90) exprime:

A manchete refere-se ao título principal dando maior relevância, podendo ser a manchete principal do jornal encontrada na primeira página, como também a manchete dos cadernos, seções ou páginas na extensão do jornal. Em relação à notícia, a manchete é seu ponto principal, e estará sempre a resumindo.

Apesar da melhora, a Sabesp descarta por hora o fim do racionamento

“Por hora”, não: por ora.

Amã e Jordânia perto de relações

Amã é a capital da Jordânia. É a mesma coisa que a mão direita de alguém cumprimentar a esquerda, em vez de ser estendida e cumprimentar a de outra pessoa.

Chegou a vez da Praia Grande ser uma grande praia limpa

O certo é “a vez de a Praia Grande...”. A melhor explicação você a encontra no excelente *Manual de Redação e Estilo* de Eduardo Martins (jornal O Estado de São Paulo, Editora Moderna), p. 85: “Não se faz a contração da preposição com o artigo quando este é parte do sujeito, nem preposição com o pronome se ele funciona como sujeito ou o determina”.

Neste Natal você não precisa ir à Paris para presentear com um bom perfume

E vamos usando crase a torto e a direito... (mais “tortamente” do que “direitamente”).

Nesse contexto, a manchete funciona como um resumo da notícia escrita, de modo que anuncia, de maneira coerente, coesa e concisa, aquilo que o texto abordará. Importante salientar que a manchete é o primeiro contato do leitor com a obra informativa, desse modo é necessária primazia na confecção, escrita, edição e revisão do enunciado jornalístico, no intuito de instigar a leitura.

Jornais e veículos de notícias informam as atualidades e conferem informação aos leitores, para tanto, lançam mão de manchetes que garantam a transferência e a lisura das informações que deseja-se passar.

Outrossim, é indispensável, em conformidade com FIORIM (1998, p. 6)

uma reflexão ampla sobre a linguagem, que leve em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo de ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens.

A vista dos aspectos supramencionados torna-se imperativo observar, na prática, manchetes que carecem do labor do profissional de revisão com formação em

letras. MALTA (2000, p. 44, 49, 50 e 55) expõe relevantes excertos acerca da temática.

Portanto, fica claro que – assim como outras modalidades textuais – a manchete jornalística exige atenção, preparo e seriedade. De fato, a formação em letras proporcionará, ao revisor, os mecanismos necessários a contemplação da obra escrita com mais propriedade.

2.1 TEXTO E CONSTRUÇÃO TEXTUAL

Em aspectos linguísticos, o texto pode ser entendido como a manifestação das ideias de um autor. Para além disso, o estudo do texto contempla o funcionamento do sistema linguístico que envolve a morfologia, sintaxe, fonologia, semântica e léxico. De acordo com MARCUSCHI (2008, p. 72):

O texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela 'refrata' o mundo e não reflete, também podemos afirmar do texto que ele refrata o mundo na medida em que o reordena e reconstrói.

No que se refere ao discurso, entende-se que sua estruturação está intrinsecamente relacionada ao texto. Sabe-se distinguir um texto de um não texto e segundo Beaugrande (1997, p.13): "Um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal". Portanto, texto e discurso não se distinguem facilmente e, até mesmo, podem ser identificados como complementares. Conforme MARCUSCHI (2008, p. 58):

A tendência é ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização, ao passo que o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação socio interativa e discursiva envolvendo outros aspectos.

Nesse sentido, o texto é vislumbrado como um evento situado e processado em um contexto socio comunicativo e que, de modo cognitivo, tem condição de produção de sentido que leve a compreensão textual.

É preciso pontuar que a língua evidencia uma atividade histórica do cognitivo dos indivíduos que é variável e interativa, sendo situada de modo não determinado e que permite a estruturação do conhecimento. Quanto a determinação supramencionada, identifica-se que a língua não pode ser considerada determinada, uma vez que não

há, a priori, fixação sintática ou semântica e, assim, funciona com diversas significações.

Em consonância com MARCUSCHI (2008, p. 66):

Não há determinação semântica proveniente do próprio sistema linguístico. De igual maneira, podemos ter várias opções de determinação sintática para uma dada construção.

Ademais, nas esferas sintática e semântica evidenciam-se casos pertinentes à construção de enunciados jornalísticos e que observar-se-ão em seguida. Recorrendo ainda à MARCUSCHI, na obra “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”, vislumbra-se a seguinte menção de manchete:

“Fraude no Rio é investigada no Detran de Pernambuco”

O autor convida o leitor ao entendimento da manchete valendo-se de duas proposições:

1. Entende-se que fraudes foram cometidas pelo Detran do Rio, e que agora serão investigadas pelo Detran de Pernambuco. Ou
2. Entende-se que fraudes foram cometidas pelo Detran do Rio com ramificações em Pernambuco.

A multiplicidade de possibilidades interpretativas é recorrente nas manchetes jornalísticas em diversas mídias que transmitem informação. Não obstante, é imperativo tornar a informação a mais concisa possível, a fim de que evite-se disparidades indesejáveis. Na manchete supracitada, o esclarecimento do enunciado só é obtido por meio da leitura do subtítulo ou linha-fina: “Fraude no licenciamento de veículos no Rio pode ter ramificações em Pernambuco e em mais quatro estados. O esquema simula vistorias nos carros fora do estado de origem.”

Para além da função informacional, a língua admite uma atividade cognitiva que insere os indivíduos em contextos sociais que permite o entendimento de sua realidade.

2.2 ESCOLHA DE REGISTRO

A construção do discurso, falado ou escrito, reverbera combinações de elementos linguísticos usados pelos falantes na intencionalidade de exprimir seus pensamentos. Nesse processo, a escolha de registro empregada na produção textual das manchetes constitui a exteriorização do pensamento abstrato em um elemento material: o enunciado, neste caso, jornalístico. Importante pontuar que este sistema é precisamente individual, já que o ato de exteriorizar o discurso parte de cada indivíduo.

Para além disso, a intenção de dizer ou exteriorizar certo discurso evidencia maneiras de enunciar o que se deseja. Assim, a mesma situação pode ser descrita de distintas formas. Para FIORIN (1998, p. 5):

Assim como diferentes temas podem concretizar o mesmo elemento semântico da estrutura profunda, o mesmo tema pode ser figurativizado de maneiras diversas. Definamos, de maneira precisa, o que é tema e o que é figura. Tema é o elemento semântico que designa um elemento não-presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. São temas, por exemplo, amor, paixão, lealdade, alegria. Figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: casa, mesa, mulher, rosa etc. A distinção entre ambos é, pois, de maior ou menor grau de concretude. Temos que entender, no entanto, que nem sempre essa distinção é fácil de ser feita, pois concreto e abstrato são dois polos de uma escala que comporta toda espécie de gradação.

Ainda recorrendo a obra de FIORIN, pode-se constatar duas maneiras de dizer a mesma coisa expressa pelo autor em duas construções textuais analisadas na figura que segue.

Texto A	Texto B
<ul style="list-style-type: none">• Um cavalo, quase morto de fome e de sede, caminhava em busca de água e de comida. De repente, deparou com um campo de feno, ao lado do qual corria um regato de águas cristalinas. O cavalo, não sabendo se primeiro bebia da água ou comia do feno, morreu de fome e de sede.	<ul style="list-style-type: none">• Há pessoas tão indecisas que são incapazes de realizar qualquer escolha e acabam perdendo muitas oportunidades na vida.

Imagem 1: Duas maneiras de dizer a mesma coisa. FIORIN (1998, p. 5)

É possível vislumbrar que o Texto A é mais concreto em relação ao Texto B. Nesse sentido, na exposição dos fatos o Texto A lança mão de elementos que recheiam o conteúdo do discurso enunciativo. Já o Texto B evidencia-se mais

abstrato, ao passo que utiliza elementos semânticos não figurativos. Acerca do exposto, ressalta FIORIN (1998, p. 6):

O componente básico dos textos figurativos é a figura, enquanto o dos não-figurativos são os temas. Temas e figuras são dois níveis de concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda. Assim, podemos concretizar o elemento semântico "liberdade" como "não -trabalho", como "lazer". Este é um primeiro nível de concretização. Podemos concretizar o "não-trabalho" como "balançar-se numa rede horas a fio", como um "passeio pelo campo". A publicidade que diz "Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada" usa esse conjunto de temas e de figuras.

Portanto, é imperativo que a escolha de registro empregada pelo autor e revisada pelo profissional de letras passa pelo crivo dos aspectos linguísticos supracitados e que, dessa forma, constitui-se um texto que enuncia os fatos – no caso das manchetes – de modo a fortalecer o processo comunicativo, ao passo do uso assertivo da língua. Uso este aperfeiçoado pelo letrólogo.

2.3 GRAMÁTICA

O revisor textual formado em letras, no labor da edição de manchetes, não tem atenção despertada apenas aos aspectos superficiais do enunciado, como regência ou concordância. O ofício, em verdade, é mais profundo ao passo que observa-se o gênero textual em análise e sua textualidade.

É preciso pontuar que a gramática normativa representa um conjunto sistematizado de normas e regras que orientam a escrita e a fala conforme o padrão culto da língua. Ela – a gramática – é requisitada e empregada em contextos formais, como na redação de manchetes jornalísticas. No seio dos veículos comunicacionais que exprimem em seus enunciados jornalísticos importantes, relevantes e chamativas manchetes, a gramática normativa faz-se indispensável. Nesse sentido, o labor do profissional de letras torna-se essencial para a contemplação dos aspectos requeridos.

Importante salientar que fora da esfera da elaboração e revisão dos enunciados jornalísticos, bem como em outros contextos formais, o falante não precisa – necessariamente – dominar a gramática normativa. Não obstante, utiliza-se de uma gramática natural explicada por Celso Luft como um “sistema de regras que formam a estrutura da língua, e que os falantes interiorizam ouvindo e falando”. Além disso, Luft esclarece: “Gramática natural porque é da natureza da língua aprender sistemas

de regras para sistematizar comportamentos; aprendizado que independente de ensino: a vida proporciona ao natural”.

Nesta perspectiva, fica claro que o falante da língua domina as regras desta dada língua, mesmo que não expresse a norma, assim, a língua – falada ou escrita – permanece viva. Em consonância com MARCUSCHI (2008, p. 56):

A gramática não tem uma finalidade em si mesma, mas para permitir o funcionamento da língua por parte dos falantes. O falante de uma língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua.

Outrossim, a gramática possui relevante papel socio cognitivo, como uma ferramenta que permite a boa atuação comunicativa. Sabe-se, também, que a gramática reverbera as diversidades sociais, geográficas e de registro. Vislumbra-se, assim, a existência de três tipos gerais de variações linguísticas:

Tipo	Aspecto ao qual se relaciona
Variação histórica	Momento (época) ao qual o falante vive.
Variação sociocultural	Grupo social ao qual o falante pertence
Variação geográfica	Região em que o falante vive

Tabela 1: Tipos gerais de variações linguísticas.

Portanto, fica evidente o mencionado por MARCUSCHI (2008, p. 73):

Hoje em dia não se fala mais em gramática de texto. Essa noção supunha que seria possível identificar um conjunto de regras de 'boa formação textual', o que se sabe ser impossível, pois o texto não é uma unidade formal que pode ser definida e determinada por um conjunto de propriedades puramente componenciais e intrínsecas. Também não é possível dar um conjunto de regras formais que possam gerar textos adequados.

Por conseguinte, não deve-se reduzir a língua a regras gramáticas e ortográficas. A revisão de manchetes jornalísticas deve dar-se aos aspectos pragmáticos, as questões textuais e discursivas e, ainda, atentar-se as variações linguísticas. Contemplando o texto como um todo. Desse modo, reafirma-se que a existência da revisão não está fadada à correção de descuidos ortográficos ou normativos, mas sim relaciona-se à saúde da unidade de estilo do texto.

3 METODOLOGIA

O trabalho proposto trata-se de uma reflexão teórica acerca da importância do profissional de letras na revisão de manchetes jornalísticas, nesse contexto, o revisor é aquele que tem o papel de corrigir as formas gramaticais e linguísticas taxadas de errôneas em um texto. Para além disso, buscou-se contemplar também o gênero do texto e sua textualidade. Nesse sentido, observado os enunciados jornalísticos reverberados em manchetes editadas, revisadas e bem estruturadas.

Assim, a pesquisa realizada, de cunho teórico, contribuirá para a edificação de saberes relevantes à temática em discussão. Poder-se-á vislumbrar, comprovar, analisar e debater melhor, com mais elementos e de forma mais crítica o papel do revisor textual formado em letras na elaboração e edição de manchetes jornalísticas.

A fundamentação teórica contou com os autores Aristides Coelho Neto, na obra “Além da revisão”; Luiz Antônio Marcuschi, na obra “Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão”; Luiz Roberto Malta, na obra “Manual do Revisor”; José Luiz Fiorin, na obra Linguagem e Ideologia; Marcos Bagno, na obra Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social; Malta, em Manual do Revisor; dentre outros doutores e pós doutores que, em sua docência e pesquisa, alicerçam conhecimentos pilares à edificação do presente trabalho.

As obras supramencionadas exprimem o ponto de vista teórico dos autores suscitando o respaldo e entendimento do tema proposto.

Destarte, a pesquisa bibliográfica assimila-se como uma coleção de documentos relacionados entre si e, principalmente, com a questão abordada, na finalidade e intencionalidade de permitir identificar e aperfeiçoar o trabalho acadêmico, bem como a valorizar do profissional de letras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade hodierna é marcada pelo entendimento da gramática normativa como preponderante em relação a textos bem escritos e elaborados, todavia a compressão e edição da obra textual reverbera aspectos relacionados

intrinsecamente a fatores linguísticos e sociais que estão entre as ferramentas adquiridas pelo letrólogo durante sua formação.

No tocante a revisão das manchetes jornalísticas vislumbra-se a imprescindibilidade do profissional formado em letras, que muitas vezes, confunde-se com a figura do jornalista. Neste aspecto, observa-se que a revisão é importante elemento da produção dos jornais e, numa época marcada por desinformação, a comunicação eficiente é concretizada pelo labor do profissional de revisão letrólogo.

Como salientado no presente trabalho, a preocupação com o uso linguístico normatizado no que se refere a edição e revisão de textos não deve ocupar lócus central neste processo, pois o uso da língua considerado correto e mais adequado deve – também – ser claro e inteligível aos receptores, ao passo que lança mão da análise das divergências linguísticas e de gênero textual, bem como sua textualidade.

Assim, o ofício da edição de texto avalia cada obra na consideração de cada tipologia, de cada objetivo, de cada leitor, de cada fator linguístico. As manchetes, ao serem elaboradas, devem atentar-se aos aspectos da produção e da comunicação. Por conseguinte, em consonância com BAGNO (2001, p.67):

O fato de existirem regras gramaticais mais usadas pelos brasileiros cultos do que as regras prescritas pela tradição gramatical não nos autoriza a querer implantar um prescritivismo às avessas. O que quer dizer isso? Quer dizer que não devemos acusar de “retrógradas”, “reacionárias” ou “preconceituosas” as pessoas que preferirem continuar usando as regras tradicionais. O uso dessas regras mais conservadoras tem que ser encarado como uma opção dentre as várias que o falante pode fazer no momento de falar-escrever.

Por fim, por meio do presente trabalho de conclusão de curso, espera-se evidenciar a importância do profissional de revisão formado em letras na primazia da construção de manchetes bem elaboradas e bem estruturadas. Para que assim, seja possível ter sucesso na transmissão do conhecimento. Nesse sentido, a contribuição do letrólogo torna-se essencial, visto que o profissional formado em letras possui os subsídios necessários à edificação e análise, seja linguística ou gramatical das obras, neste caso, manchetes jornalísticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010 – 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa: Tradição Gramatical, Mídia e Exclusão Social**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

MALTA, L. R. **Manual do Revisor**. São Paulo: WVC, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NETO, A. C. **Além da Revisão**. São Paulo: Senac, 2008.

THÉRIVE, André. **História da revisão**. Disponível em: <https://cadeorevisor.wordpress.com/2008/03/28/historia-da-revisao/>. Acesso em 13 jun. 2020.